

# ao Prof. Henrique de Barros

---

- discurso
  - dirigido ao Prof. Henrique de Barros
  - homenagem de homenagem
- 

18 jan. 81

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

DISCURSO DIRIGIDO AO PROF. HENRIQUE DE BARROS

NO DIA 18 DE JANEIRO DE 1981

POR MARIA DE LOURDES PINTASILGO

\*\*\*\*\*

Senhor Prof. Henrique de Barros,

Cabe-me agora a vez de dizer, por palavras minhas, o "acontecimento" que aqui vivemos.

Porque de um acontecimento se trata:

- momento congregador de esforços e gerador de vida;
- encruzilhada de dinamismos;
- ponto de encontro de esperanças

Fundação Cuidar o Futuro

Cada um de nós experimenta bem como a sua vida é ritmada por acontecimentos - datas singulares no calendário do coração; momentos que sobressaem com uma nitidez de fotografia sem falha no nevoeiro de dias iguais.

É desses acontecimentos que se faz a continuidade histórica.

É neles que se gera a força para continuar a ser e a agir.

É deles que brota o impulso para novas e decisivas etapas.

Nos seus efeitos cumulativos, os acontecimentos - que são são episódios nem anedota fortuita - acabam por dar à vida de cada um, uma fisionomia própria; são fonte da identidade pessoal.

Nesse sentido, os acontecimentos fazem-nos, tornam-se irreversíveis, determinam o futuro.

Algo de semelhante se passa com um povo. Porque não é só um passado, nem uma história, nem uma língua o que faz um povo.

Um povo faz-se, forma-se, através dos acontecimentos que pontuam a sua existência.

São os acontecimentos que tecem os laços, que criam a memória colectiva, que lançam pontes capazes de vencer os abismos e as distâncias.

O povo descobre-se na sucessão dos acontecimentos - o que vive, como actor da história, é-lhe devolvido como a sua verdade que o fortalece, o torna coeso, o dinamiza.

Meis ainda do que a recapitulação do passado, é a vivência do acontecimento do hoje que lhe confere o sentido ~~da~~ continuidade ~~de~~ histórica, que o torna capaz de ousar e decidir, que o reafirma na sua identidade, que o estrutura no seu querer comum.

\* \* \* \* \*

Ao convidarmos o Prof. Henrique de Barros para este dia, inserimo-nos no movimento do povo que somos.

Realizamos este "acontecimento" - que só é pequeno porque nos limita o espaço - na sequência de outros acontecimentos que, de formas diversas, marcam a nossa vida colectiva.

Olho os amigos - reais e virtuais - à nossa volta e vejo, em pano de fundo, centenas, milhares de rostos, que, noutros momentos e noutros lugares deste país, se reuniram como nós, hoje, e conosco compõem um fresco de figuras incontáveis onde se desenha a determinação e a força, o sonho e a esperança.

Não posso, por isso, separar o encontro à sua volta, Sr Professor da movimentação das pessoas tão diversas que, ao longo da segunda metade de 1980, fui encontrando pelo país fora. Δ

Pessoas diferentes na idade e nas condições de vida. Δ

Pessoas diferentes nos caminhos já percorridos e nos sonhos ainda por traçar. Δ

Mas pessoas firmemente unidas por uma mesma vontade e uma mesma decisão: a decisão de salvaguardar a esperança que a 25 de Abril um punhado de homens devolveu ao povo.

Fundação Cuidar o Futuro

\* \* \* \* \*

Senhor Professor:

Tal como esse povo, de que somos parte, também nós, aqui presentes, vimos de caminhos diferentes: marca-nos a uns a luta pública e a outros a luta interior; pertencemos uns ao trabalho solitário, aparentemente isolado, e outros às actividades que só em grupo ganham forma; temos uns sensibilidade tão empenhada no aqui que o fora-de-portas se esfuma e temos outros consciência tão aguda do para-além que o aqui o vemos relativizado.

Por isso, o momento de hoje é o da alegria das encruzilhadas.

Encontramo-nos como que inesperadamente, caminhando no mesmo sentido; descobrimos afinidades que não sonháramos; reconhecemo-nos portadores de uma mesma fidelidade e de uma mesma esperança.

No desenhar da convergência que nos une, o Prof. Henrique de Barros é hoje, de forma paradigmática, aquilo mesmo que tem sido ao longo de toda a vida:

Um polo aglutinador de pessoas e de montades;  
um catalizador de novas energias e de novos dinamismos.

Precisamos que essa sua qualidade de palavra e gesto unificadores se multiplique por esse país fora de modo a que se vão criando plataformas múltiplas em que se reconheçam os homens e as mulheres que se querem conscientes e responsáveis, livres e criadores.

Fundação Cuidar o Futuro

\* \* \* \* \*

Senhor Prof. Henrique de Barros:

Em tempos de tão acentuado oportunismo, de tão pouco rigor nas palavras, nos números e nos actos, de tão pouca submissão às leis próprias de cada actividade científica e técnica, a sua figura é um estímulo e um indicativo.

Poderão muitos falar de transformações estruturais necessárias. A grande transformação é a exigência ética do trabalho bem feito - e, por isso mesmo, desmitificado, tornado acessível e inteligível a todos, orientado para fins que o transcendem.

Exigência ética da "verdade" própria a cada actividade, do seu domínio específico, das possibilidades e dos limites do seu campo de intervenção.

Exigência ética de integrar a sua esfera de conhecimentos e de acção na realidade mais global onde se forja o bem comum.

Exigência ética de uma ciência e de um saber que, participando do património comum da humanidade, se incorporam na identidade cultural do povo que somos e ajudam a formular, com precisão, os objectivos de um desenvolvimento que impeça a tecnologia de se tornar, com o capital, mais um cavalo de Tróia da dominação alheia.

É dessa exigência ética vivida ao longo de uma vida que se nutre a coragem persistente de quem, face a quaisquer rumores e à dispersão dos interesses, se mantém fiel ao seu "instrumento".

Fundação Cuidar o Futuro

Permita-me, pois, Sr Professor, que a terminar conte uma pequena história narrada por um francês meu amigo, professor da Universidade Católica de Paris que tem o geito de falar em parábolas:

"Era uma vez um grande congresso de musicologia.

Os participantes eram musicólogos tão eminentes quanto numerosos.

E houve assim eminentes e numerosos discursos;

houve colóquios e mesas-redondas;

houve comunicados e conferências de imprensa;

houve papéis e policopiados e houve mesmo textos impressos.

No seu conjunto, o congresso de musicologia foi um grande sucesso e todos os musicólogos se congratularam pelo progresso realizado...

Só houve a lamentar um pequeno incidente, na realidade de pouca monta.

É que, durante uma sessão plenária, em que todos os musicólogos discutiam da musicologia, houve um indivíduo que, de repente, começou a tocar flauta !! Tentou-se mostrar-lhe que ele devia acabar com aquele barulho inconveniente.

Mas ele, fosse por inconsciência ou por cinismo, não não parecia compreender.

Foi preciso po-lo fora.

Porque, enfim, tratava-se de um congresso de homens "sérios": não convinha que a musicologia fosse perturbada pela música..." 1)

Na cena política portuguesa - onde "o mundo da política" tantas vezes faz esquecer "a dimensão política do mundo" - o Prof Henrique de Barros nunca se cansou de fazer ouvir a sua flauta...

Pela coragem do solista<sup>D</sup>

e pela música do instrumento,

Senhor Professor, MUITO OBRIGADA !

1) Maurice Bellet, Les Survivants, *pt* Gallimard, 1974, *ps* 124